

AS GUERRILHAS NO BRASIL

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS — ANÁLISE E CONCLUSÕES

Ten. Cel. Inf. QEMA
LUIZ ANTONIO RECH

1. INTRODUÇÃO

Uma análise da história militar mundial revelará que em quase todas as guerras, grandes ou pequenas, a presença de guerrilhas foi sempre uma constante. Pelo menos em certas fases do conflito, um dos contendores, normalmente o mais fraco, valia-se desse processo de combate visando alcançar o equilíbrio de forças.

As guerras internas brasileiras não fugiram a essa norma.

Na síntese histórica que faremos, não pretendemos abordar todos os casos de guerrilhas ocorridos no Brasil. Foram inúmeros e sua descrição pouco proveito traria. Optamos por três, nos quais julgamos que as guerrilhas representaram um importante papel e obtiveram evidentes êxitos:

- A Guerra contra os Holandeses
- A Campanha de Canudos
- A Revolta do Contestado.

Procuraremos situar as guerrilhas diante do quadro geral dos acontecimentos, fazendo um estudo do meio onde se desenvolveram e verificando quais as circunstâncias que as favoreceram ou que determinaram seu insucesso.

Após abordar os casos históricos, procuraremos, como um corolário, analisar as condições que propiciariam a eclosão de guerrilhas no Brasil nos dias atuais.

Merece meditação o fato de que embora as guerrilhas, no decorrer dos séculos, tenham seguido os mesmos princípios e empregado os mesmos processos, continuem a obter êxitos, desafiando forças muito mais poderosas.

Como em qualquer tipo de combate, também neste, e de um modo ainda mais evidente, destaca-se a importância do homem como ele-

mento básico. Serão inúteis, portanto, quaisquer esforços para combater as guerrilhas sem compreender a fundo o guerrilheiro.

Ainda que a guerra irregular possa representar a manifestação militar de um levante popular sem um fundo ideológico, o mais comum atualmente é que surja sob a inspiração e com o apoio do Movimento Comunista Internacional que, explorando as vulnerabilidades do país visado, procura ludibriar o povo, transformando-o em instrumento para, solertemente, atingir seus objetivos.

É surpreendente verificar que, modernamente, as guerrilhas têm tido um grande incremento, passando a ser consideradas como uma das formas mais eficazes de combate, a despeito do notável progresso do armamento e da tática.

2. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

2.1 — *A Guerra contra os Holandeses*

Várias foram as tentativas holandesas para se fixarem em território brasileiro. Foi, porém, na Bahia, de 1624 a 1625 e, principalmente, em Pernambuco, de 1630 a 1654, que os invasores flamengos deixaram marcas mais profundas de sua passagem.

As causas dessas expedições foram, primordialmente, econômicas. Razões políticas poderiam ser invocadas, mas, na realidade, não constituíram mais do que um pretexto.

A origem das principais invasões encontra-se na criação da Companhia das Índias Ocidentais, empresa privada mas subvencionada pelos Estados Gerais.

Secundando a atração econômica representada pela próspera indústria açucareira, serviu de estímulo a deficiente defesa do território brasileiro, comprovada em expedições corsárias anteriores.

Se enfatizamos a predominância do interesse econômico como móvel das expedições holandesas, foi porque essa circunstância desempenhou papel relevante no movimento de reação que ocasionou a expulsão dos batavos.

É compreensível que, no afã de obter lucros rápidos que proporcionassem dividendos compensadores à Companhia, os holandeses buscassem o caminho mais curto, espoliando os habitantes da colônia. Paralelamente a isso, ampliando seus erros, violentavam os sentimentos do povo, com demonstrações de intolerância religiosa e menosprezo aos seus costumes.

Constituiu-se, portanto, conforme Hélio Vianna, numa "empresa de curso, que jamais chegou a revestir-se das características de verdadeira colonização".

As perdas materiais, o apêgo à terra e às tradições, fizeram eclodir a revolta com a conseqüente derrota dos invasores.

A fase mauriciana é objeto de controvérsias. Mas, mesmo lhe imputando erros, é incontestável que a administração do Conde João Maurício de Nassau caracterizou-se por uma paz relativa e por um sensível progresso econômico.

Baseado nos êxitos obtidos pelo governo de Nassau, é admissível conjecturar sobre o destino das regiões ocupadas, se os holandeses tivessem contado, permanentemente, com uma administração eficiente, dispensando à população local um tratamento adequado, respeitando a propriedade, a religião e os costumes, procurando, enfim, incutir em todos um sentimento de segurança.

Porém, os desmandos holandeses forjaram a união entre luso-brasileiros, negros e índios. A vitória alcançada incutiu nos habitantes do Brasil a certeza de sua força e de suas possibilidades, tornando-os conscientes de que já se ia formando uma pátria.

Os Holandeses na Bahia

Concretizada em maio de 1624 a ocupação da cidade de Salvador pelos holandeses, teve início, quase que de imediato, a tarefa de expulsá-los. Empresa difícil, considerando os meios disponíveis e, principalmente, o estado moral da população que, temerosa, fugira mal apontavam no horizonte as primeiras velas inimigas.

Em face dos poucos recursos existentes, a reação foi baseada em ações de guerrilhas. Os processos utilizados seguiam os princípios clássicos e de espantosa atualidade. As operações tinham por finalidade cercar o invasor dentro da cidade, impedindo que excursionasse pelos arredores para renovar as provisões. A falta de armamento apropriado e a escassez de pólvora obrigaram os defensores a valer-se, quase que exclusivamente, da arma branca e da flecha. Foram organizadas as Companhias de Emboscadas, em número de vinte e sete, possuindo cada uma um efetivo de vinte e cinco a quarenta homens.

O inimigo mantinha-se sobressaltado pelo súbito aparecimento do guerrilheiro nos lugares mais diversos. A surpresa era a arma mais poderosa dos balanços.

O terreno prestava-se sobremaneira a esse tipo de operações. Predominavam as matas que não só favoreciam o ocultamento dos

guerrilheiros, permitindo que se aproximassem em segurança do inimigo, como, também, atemorizavam os holandeses, não habituados com as peculiaridades das florestas, predispondo-os ao pânico.

Preocupação imediata foi o estabelecimento de uma base de guerrilha. O local escolhido estava situado junto ao rio Vermelho, a uma légua de Salvador. A base, além de fortificações, contava, ainda, com algumas peças de artilharia.

Os resultados das ações empreendidas foram promissores, obrigando o inimigo a tomar uma série de medidas preventivas e, principalmente, desgastando-o pela intranqüillidade constante.

As providências tomadas pelos portugueses visando impedir o contato dos adventícios, com os negros e os naturais da terra, revelaram-se prudentes e fundadas. Não impediram, porém, que muitos prêtos fossem recrutados, possibilitando a organização, dentro da cidade de Salvador, de um regimento de escravos.

Este procedimento pode ser considerado como um ato espontâneo, não tendo sido resultado de ação específica dos invasores, cuja falha principal, como já afirmamos, foi ter descurado das medidas de ordem psicológicas, obsecados pela tentação do lucro imediato.

Alguns meses depois, chegaram do Reino pequenos reforços aos combatentes baianos, o que muito incentivou o movimento. Realmente, corroborando um princípio consagrado, seria difícil que as guerrilhas se mantivessem sem apoio externo.

No caso em estudo, apesar do desgaste flagrante dos holandeses, a situação poderia manter-se indefinidamente, pois os navios da Companhia dominavam a costa. O coroamento da ação dos guerrilheiros dependia de um maior socorro de além-mar.

A 29 de março de 1625, a armada comandada por D. Fadrique de Toledo chegava à Bahia. Um mês depois consumava-se a capitulação dos batavos.

A Insurreição Pernambucana

Em 1630 realizou-se nova invasão holandesa, marcando o início de vinte e quatro anos de ocupação.

Mudou, apenas, o local, não as causas e o objetivo.

Pernambuco foi escolhido não só por ser mais próximo da Europa, como também, porque sua ocupação foi julgada mais fácil e suas riquezas maiores.

As medidas defensivas tomadas em vista dos rumores da invasão iminente, revelaram-se insuficientes diante do inimigo. Recife foi ocupada.

A resistência, entretanto, prosseguiu com um ímpeto cada vez maior. Recorreu-se, novamente, à tática das guerrilhas.

Como base inicial foi escolhido um local elevado, próximo ao Capibaribe, quase a igual distância de Olinda e Recife. Foi denominado Arraial do Bom Jesus. Para ali convergiram todos os que, passado o pânico inicial, ansiavam por expulsar o invasor: aventureiros, senhores de engenho, escravos e índios.

Do arraial irradiavam-se as ações contra os holandeses. Mas assumia, também, quando necessário, o papel de fortaleza, contrariando, assim, uma das características essenciais de uma base de guerrilhas: a temporariedade. Tal fato ocasionou muitas perdas e não impediu a sua destruição.

A desigualdade de força foi largamente compensada pela utilização de um processo de combate mais adequado, alicerçado no apoio da população e no conhecimento perfeito do terreno, condicionantes fundamentais da luta de guerrilhas.

A exemplo do que se fizera na Bahia, foram criadas as Companhias de Emboscadas. Em cada uma delas foram incluídos alguns índios.

O inimigo era constantemente inquietado com emboscadas e incursões.

Durante dois anos os holandeses, apesar dos reforços recebidos, poucos progressos fizeram. A defeção de Calabar iria alterar a situação. O seu conhecimento do terreno e da tática dos combatentes brasileiros foram de extrema valia para os batavos que, a partir de então, passaram a executar operações de antiguerrilha com sucesso.

No fim de cinco anos, o invasor dominava desde o Rio Grande até o Recife. Neste mesmo período, poucos foram os reforços enviados pela Metrópole aos defensores brasileiros.

É interessante registrar uma das primeiras tentativas holandesas de atrair os colonos brasileiros, visando manter a produtividade dos engenhos e a cessação das hostilidades: Em documento datado de 13 de janeiro de 1635 era concedida aos senhores de engenho, lavradores e demais moradores da Paraíba, uma série de regalias — a liberdade de religião, garantia de paz, e de justiça, proteção e segurança da propriedade, além de conceder isenção aos moradores e seus filhos de serem obrigados a tomar armas contra as forças vindas da Metrópole. Este documento, originário após a conquista da capital da Paraíba, serviu como norma às demais propostas feitas posteriormente.

Uma semente como esta, lançada em terreno fértil, em que o sentimento da pátria, quando existia, era incipiente, estaria destinada a produzir frutos seguros, se às palavras seguissem atos que

traduzissem sinceridade de propósitos, inspirando, assim, confiança à população.

Não foi o que aconteceu. Erros semelhantes a História registrou muitas vezes.

A nomeação de Nassau trouxe um maior alento aos batavos. Reforçando sua ação, assinalaram-se algumas falhas dos brasileiros. O abandono prematuro das guerrilhas em troca de uma ação campal, como sucedeu em fevereiro de 1637, em Pôrto Calvo, por inspiração de Bagnuolo, foi uma delas, acarretando grandes perdas, malgrado a bravura demonstrada por um Henrique Dias.

Mas a inquietação aos invasores nunca deixou de existir e produzir efeitos. A 13 de junho de 1636, escrevia Artichofsky: "O inimigo é extremamente ágil. Esconde-se nas matas ou nos canaviais e obriga os habitantes a lhe fornecerem informações. Quando os lerdos perseguidores holandeses se aproximam, desaparecem as hordas na espessura da mata, sem deixar vestígios. Eles conhecem perfeitamente as nossas fraquezas."

A 1.º de dezembro de 1640, Portugal retomou a independência. No ano seguinte firmava um armistício com a Holanda.

A região continuava sob o domínio duro e extorsivo da Companhia das Índias Ocidentais. Os prejuízos materiais sofridos pelos colonos eram agravados pela intolerância religiosa que, após a partida de Nassau, tornou-se ultrajante.

Assumiu a liderança dos insurretos a figura discutida de João Fernandes Vieira. O verdadeiro mentor do movimento parece ter sido Vidal de Negreiros. Mas esta questão é secundária.

Armamentos e munição foram providenciados. Instalaram-se depósitos. O serviço de informações funcionava eficientemente. A revolta iniciava-se bem estruturada.

No Monte das Tabocas, "uma paragem forte e defensável por natureza", no dizer de Pôrto Seguro, feriu-se o primeiro combate. O local e as condições foram escolhidos pelos insurretos, o que lhes valeu a vitória. Autêntica ação guerrilheira. Uma das vantagens imediatas foi conseguir armas de fogo e munição, tiradas aos inimigos mortos.

Criou-se, novamente, uma base de guerrilhas, o Arraial Nôvo de Bom Jesus. Dali partiam ataques continuos contra os holandeses do Recife.

Após o combate do Monte das Tabocas, os revoltosos viram-se reforçados pela chegada de Camarão com seus índios e por Henrique Dias com seus prêtos, figuras já legendárias.

Em abril de 1648 e em fevereiro de 1649 travaram-se as batalhas de Guararapes, já com características de um combate regular. A derrota dos holandeses foi completa, selando-lhes a sorte. A situação agravou-se a partir daí, culminando com a retirada dos invasores em 1654.

Conclusões

Pode ser apontado como principal causa da resistência aos invasores o antagonismo suscitado pelas imposições econômicas e pela intolerância religiosa dos holandeses.

A inabilidade dos batavos fez com que um empreendimento com boas possibilidades de sucesso redundasse num fracasso.

As razões do êxito do movimento de reação foram idênticas às encontradas em tôdas as guerrilhas bem sucedidas:

- apoio irrestrito da população;
- dedicação à causa;
- terreno altamente favorável;
- chefia eficiente;
- existência de uma adequada rede de informações;
- apoio externo.

As Guerras Holandesas representaram o crisol onde se apuraram os mais nobres sentimentos. Mostraram o que pode a fibra de um povo. A consciência do seu poder fez vibrar, pela primeira vez, o ideal de Pátria. Tornou-se odiosa, daí por diante, qualquer forma de opressão, independentemente de sua origem. Os brasileiros de tôdas as raças, unidos, não se intimidaram diante de um inimigo aparentemente mais forte, demonstrando que nenhuma potência estrangeira dominará um povo que tem como apanágio o amor à liberdade.

2.2 — A Campanha de Canudos

A duração reduzida, de novembro de 1896 a outubro de 1897, portanto pouco menos de um ano, não tira da Campanha de Canudos a sua importância. Constitui um exemplo típico de guerra insurrecional. Enquadra-se perfeitamente na definição preconizada pelo Estado-Maior das Forças Armadas: "É a guerra interna que obedece a processos geralmente empíricos, de possível adoção por movimentos revolucionários de qualquer inspiração, em que uma parte da população, sem estar apoiada em uma ideologia, empenha-se contra a autoridade que detém o poder, com o objetivo de substituí-la, ou pelo menos, forçá-la a aceitar as condições que lhe forem impostas."

A história de Canudos centraliza-se na figura carismática de Antônio Conselheiro. Homem de alguma instrução, procurou no as-

ctismo o consólo para as suas desventuras pessoais. Seria um misticador ou um demente? Difícil dizê-lo.

É incerta a data em que iniciou a peregrinação pelo interior do Ceará, Pernambuco, Piauí, Sergipe e Bahia. Duvidoso, também, é se, desde o início, o proselitismo estava em suas cogitações.

A verdade é que sua aparência mística impressionou a religio- sidade natural do sertanejo. Suas pretensões messiânicas encontra- ram sempre o apoio das populações incultas. Odiava a República e as autoridades constituídas e procurava incutir esse sentimento em seus seguidores.

Rumava ao acaso, seguido por uma crescente turba de fanáticos. Escolheu, finalmente, uma região para, ao abrigo da lei, servir de refúgio para si e seus seguidores.

A intuição do Conselheiro revelou-se admirável. Canudos, o local escolhido, reunia as condições ideais para o fim a que era destinado. Estava situado à margem esquerda do Vaza-Barris, numa região esté- ril, escarpada e de difícil acesso. A inclemência do clima era agra- vada pela falta de água e pela carência de recursos. A tôdas essas dificuldades aditava-se a precariedade das comunicações.

Para esse local convergiam sucessivos grupos de fanáticos, atraí- dos pela fama do Conselheiro. Em pouco tempo subiam a milhares os moradores do arraial.

Juntamente com as práticas religiosas, iniciaram-se, também, as tropelias e os saques às fazendas próximas, com a complacência de Antônio Conselheiro. Tal fato motivou a intervenção das auto- ridades.

As três primeiras expedições enviadas nada conseguiram, a não ser robustecer a confiança dos fanáticos, proporcionar-lhes grande quantidade de armamento e munição e incentivar a vinda de novos moradores, principalmente de criminosos e desertores atraídos pela certeza de impunidade.

O desastre da terceira expedição que, sob o comando de um chefe de prestígio, o Coronel Moreira César, fôra quase totalmente dizi- mada, deixou a nação estupefata. Ninguém procurou analisar as ver- dadeiras causas do ocorrido. Assim não foi compreendido que a im- provisação e as deficiências da organização da tropa expedicionária, tinham determinado a derrota mesmo antes de entrar em combate. As notícias chegavam deturpadas à capital do país, onde, num exagêro evidente, cogitou-se até que a República corria perigo.

Neste clima de tensão foi organizada uma nova força com um efetivo bem maior que as anteriores, mas seguindo os mesmos proces- sos empíricos. Foi designado para comandá-la o General Arthur Oscar de Andrade Guimarães.

A expedição foi dividida em duas colunas que, partindo de pontos distintos, deveriam realizar a junção no Arraial em dia aprazado, quando seria efetuado um ataque combinado.

A tomada de Canudos que, no intervalo entre as duas expedições não cessara de fortificar-se, diante da certeza de uma nova investida das tropas governamentais, revelou-se uma tarefa das mais árduas.

As deficiências logisticas somava-se a bravura dos jagunços. Não fôra a intervenção pessoal do Ministro da Guerra, organizando o apoio administrativo, era provável que essa expedição também não obtivesse êxito.

Finalmente, após prolongado sítio e milhares de baixas, foi destruído o reduto de Canudos, no dia 5 de outubro de 1897.

Conclusões

Canudos não foi um caso isolado. Não eram raros, na época, acontecimentos semelhantes, ainda que de menores proporções. O mal, afirma-o Euclides da Cunha, era antigo.

O jagunço, um guerrilheiro nato, completava a sua formação de combatente com as lições que a própria vida lhe ministrava. Naquela ocasião, conciliando, paradoxalmente, o banditismo com o sentimento religioso, encontrou no misticismo de Antônio Conselheiro o estímulo que o transformou num fanático, disposto a morrer pela sua causa. Todos os moradores de Canudos, homens, mulheres e crianças, comunicavam dos mesmos sentimentos.

Não tardaram a surgir, quase que espontaneamente, alguns líderes, aos quais o Conselheiro, dedicado exclusivamente à parte espiritual, delegou a tarefa da defesa física do reduto.

Com a exceção compreensível dos proprietários que receavam as incursões predatórias dos jagunços, a população das localidades vizinhas viam com simpatia, talvez calcada num temor supersticioso, o desenvolvimento de Canudos.

A região, como já foi dito, prestava-se sobremaneira às ações de guerrilhas. Os jagunços souberam aproveitá-la. Realizando emboscadas ou incursões tiravam o melhor partido do terreno, do qual eram perfeitos conhecedores.

Um serviço de espionagem foi estruturado, fornecendo aos rebeldes as informações sobre todos os movimentos das tropas legais.

Estavam, pois, presentes, quase tôdas as condições necessárias ao êxito de uma guerrilha:

- uma causa, representando a motivação indispensável;
- o chefe;

- o terreno favorável;
- o apoio da população;
- um sistema de informações eficiente.

Quais, então, as razões do insucesso?

Canudos era uma base fixa e perfeitamente conhecida. Sua manutenção constituía um ponto de honra para os fanáticos. Isto tirou-lhes a mobilidade indispensável. Em consequência, na etapa final, suas ações tornaram-se preponderantemente defensivas, perdendo, portanto, a iniciativa.

Finalizando, é interessante observar que Canudos não reunia as características de um movimento reivindicador. Surgiu quase espontaneamente. Transformou-se num valhacouto de bandidos, sob um verniz de religiosidade. Só se fortaleceu e adquiriu importância devido aos erros das forças legais. É provável que, com o correr do tempo, viesse a assumir outro caráter.

2.3 — A Revolta do Contestado

O sertanejo, em virtude de sua credulidade, ignorância e misticismo, é facilmente influenciável por quem souber captar a sua confiança. Normalmente pacato, quase indiferente, quando seus instintos naturais são estimulados, ele desperta, transtorna-se, e surge, então, um inimigo ardiloso e temível.

A revolta do Contestado, ocorrida entre 1912 e 1916, veio, mais uma vez, confirmar esta assertiva.

A indefinição de limites entre Santa Catarina e Paraná criou um clima favorável ao movimento revoltoso, pois a região litigiosa, desprovida de autoridade, tornara-se uma verdadeira terra de ninguém. A intervenção policial processava-se conforme as contingências políticas. A construção da ferrovia Rio Grande-São Paulo, que atraía milhares de trabalhadores, entre os quais muitos elementos da pior espécie, agravara a situação.

Quando os concessionários da ferrovia, fazendo valer seus direitos sobre uma faixa de trinta quilômetros ao longo da estrada, expulsaram os antigos posseiros, o fato ocasionou um sério problema que se somou aos inúmeros já existentes.

A estratificação social na região, em cujo tópo se encontrava o "coronel", foi bem definida pelo General Setembrino de Carvalho: "A diferença de condição entre o proprietário e o camarada era e é de tal sorte manifesta, que suas relações em muito se assemelham às que deveriam existir entre escravo e senhor."

A revolta estava latente. Para que eclodisse muito pouco era preciso.

Em 1896 apareceu na região uma estranha figura, misto de profeta e curandeiro. Era conhecido por João Maria, o "Monge". Logo adquiriu fama de santo, impressionando vivamente a mentalidade ingênua do sertanejo. Após a sua morte a lenda não só permaneceu, como se expandiu.

Em 1911, José Maria, outro falso monge, apresentou-se como sucessor de João Maria. Tratava-se de um desertor da polícia paraense. Um oportunista ou, talvez, um megalomaniaco. Ao mesmo tempo que explorava o sentimento religioso do povo, fazia-lhe promessas de uma vida melhor. O processo revelou-se eficiente. Seus seguidores aumentavam constantemente.

Fêz-se, depois, arauto da restauração da monarquia. A partir de então, com esse pretexto, tentou organizar militarmente seus adeptos. O disciplina era rigorosa.

A composição do bando que o seguia era heterogênea. Mesclavam-se o devoto ingênuo com o facinora. O fanático com o aventureiro.

Cedo iniciaram os saques contra as fazendas da região, motivando os naturais protestos dos prejudicados.

Em 1912, estando o bando estacionado em Santa Catarina, foram tentados os primeiros esforços para debelá-lo. Ao aproximar-se um contingente da polícia catarinense, José Maria preferiu retirar-se para os Campos de Irani, no Paraná. Foi a partir daí que se iniciaram as ações militares no Contestado.

Esboçemos, nesta oportunidade, algumas considerações sobre o terreno onde se desenrolaram as operações. A região, predominantemente serrana, é banhada por numerosos cursos de água. A vegetação abundante apresenta, freqüentemente, as características de verdadeiras florestas. Na parte meridional predominam os campos. Na época, as vias de transporte eram precárias, salientando-se a ferrovia Rio Grande-São Paulo, que cortava longitudinalmente a zona de operações. Existiam algumas localidades de certa importância. Em conclusão pode ser dito que o terreno se apresentava extremamente favorável ao desencadeamento de ações de guerrilhas.

A primeira expedição enviada contra os revoltosos defrontou-se com os mesmos em 22 de outubro de 1912. O encontro terminou com a debandada da força policial e a morte de seu comandante. José Maria também foi morto nessa ocasião. Os rebeldes capturaram armamento e munição. O resultado dessa ação, apesar da morte do "monge", muito contribuiu para incentivar os fanáticos.

Terminada a batalha os rebeldes se dispersaram, regressando, posteriormente, para Santa Catarina. Difundiu-se, quase imediatamente, a crença de que José Maria ressuscitaria.

Em Taquaruçu foi iniciada a construção de um novo reduto. Para aquele local passaram a convergir os crentes. O fervor místico dos ingênuos era explorado por aventureiros que entremeavam interesses pessoais e objetivos políticos.

Foi determinada pelas autoridades a destruição do reduto.

A primeira expedição não obteve êxito. O sistema de informações dos rebeldes mostrou-se eficiente, acompanhando todos os movimentos das forças legais. Isso permitiu que os defensores armassem uma emboscada, cujo resultado foi a retirada precipitada das tropas do Exército, abandonando quase todo o material bélico que transportavam.

Taquaruçu não resistiu, porém, ao ataque de uma segunda expedição, tendo sido destruída. Poucos foram os sobreviventes.

A rebelião apenas se iniciava. O fanatismo não desaparecera. Ao contrário. A perseguição servira de estímulo, fazendo surgir o ódio. O banditismo dominava, convulsionando a região.

Os fugitivos de Taquaruçu procuraram refúgio em Caragoatá, região mais acidentada e difícil acesso. Após um insucesso inicial das forças legais, o reduto terminou sendo destruído. Entretanto, faltava muito para pacificar a região.

Uma característica desse movimento, que é interessante ressaltar, foi a latência periódica da rebelião. A destruição de um reduto dava a ilusória impressão de que a revolta estava debelada. Pouco depois, porém, novos focos brotavam com redobrado vigor.

Os guerrilheiros possuíam grande mobilidade. Tentavam, por vezes, ações ofensivas de maior envergadura, como foi o assalto e a tomada de Curitiba, em setembro de 1914.

Os suprimentos eram obtidos através do saque a fazendas e localidades ou contrabandeados de outras regiões.

Com o passar do tempo, o banditismo predominava nitidamente, superando o caráter religioso que marcara o início do movimento.

Em setembro de 1914, foi nomeado Comandante das forças em operações no Contestado, o General Setembrino de Carvalho. O plano por ele concebido, tinha como objetivo efetuar um amplo cerco que, paulatinamente, iria se estreitando. Para tanto, as forças disponíveis foram divididas em quatro colunas.

Simultaneamente, passou a ser exercido um maior controle nas vias de transporte, buscando privar os rebeldes dos recursos provenientes de fora da área de operações.

Como resultado das ações executadas pelas forças legais, aos poucos foram cessando as atividades dos guerrilheiros que, pres-

sionados, passaram a convergir para os redutos de Santa Maria e Caçador.

As propostas conciliatórias do Comandante legalista foram rejeitadas pelos rebeldes. Mas a carência de recursos, as doenças e as sucessivas derrotas abalavam cada vez mais o moral dos insurretos.

Situados entre densas florestas e circundados por penhascos, os redutos de Santa Maria e Caçador possuíam excelentes condições de defesa. Chefiava os rebeldes um caboclo conhecido por Adeodato que, misto de fanático e bandido, mantinha sua autoridade com extremo rigor. O aspecto geral de Santa Maria lembrava o Arraial de Canudos.

Em abril de 1915, o reduto foi conquistado e, com sua queda, terminou a resistência organizada no Contestado. Em dezembro do mesmo ano, com a destruição da Cidade Santa de São Pedro, no Timbó, realizaram-se os últimos combates. A completa pacificação da área foi obtida em 20 de dezembro de 1916, por interferência direta do Presidente da República, dirimindo a questão de limites entre os dois Estados.

Conclusões

As causas mais profundas da revolta do Contestado devem ser pesquisadas na estrutura social da região. Não seria razoável restringir a busca das origens do fenômeno no misticismo e ignorância do sertanejo aliados a um banditismo oportunista. Esta foi, realmente, a causa imediata do movimento.

As ações antiguerrilhas foram dificultadas pela mobilidade do combatente, a existência de inúmeras bases ou redutos e pela extensão e características da área de operações.

O sertanejo, no Contestado, habituado à vida ao ar livre, num meio hostil, aplicava instintivamente os princípios básicos da luta de guerrilhas. Só aceitava o combate quando estava certo de sua superioridade. Em caso contrário, não hesitava em fugir, buscando uma ocasião mais favorável. Conhecia o terreno e dele se valia. Era disciplinado e valente.

Entretanto, a precariedade de recursos, devido à inexistência de apoio externo, tolhia os revoltosos. Salvo um comércio clandestino dependiam eles do saque para obter o que necessitavam. Estes fatos, conjugados com a ignorância do sertanejo e a falta de um objetivo perfeitamente definido, influíram decisivamente no insucesso do movimento.

A nomeação do General Setembrino de Carvalho proporcionou às forças legais a indispensável unidade de comando. O planejamento

inteligente e realista, atendendo às peculiaridades regionais, conjugado com a eficiente atuação da tropa, determinaram finalmente a extinção do foco revoltoso.

3. CONDIÇÕES QUE PROPICIARIAM A ECLOSAO DE GUERRILHAS NOS DIAS ATUAIS

Cada país possui características próprias que condicionam o aparecimento de guerrilhas em seu território. Existem, entretanto, evidentemente, causas que são comuns a qualquer movimento revolucionário e, por essa razão, não deve ser excluído o estudo de experiências alienígenas. Mas é, sobretudo, nos casos históricos ocorridos no Brasil que se encontram as verdadeiras fontes onde devem ser pesquisadas as condições que favoreceriam a eclosão de guerrilhas em nosso país.

Estes fatores podem ser divididos em duas categorias:

- a) Básicos ou estruturais;
- b) Circunstanciais.

BÁSICOS

Consideramos assim os fatores decorrentes de fenômenos sociais, religiosos, econômicos, étnicos e geográficos.

No Brasil ocorrem, principalmente, os seguintes:

— *A estratificação social*

É a situação característica do nosso meio rural. Conduz, quase sempre, a excessos, gerando, assim, o inconformismo, facilmente explorável por quem desejar subverter a ordem.

— *O sentimento religioso*

A superstição e o misticismo, peculiares ao homem brasileiro interiorano, transformam-se com facilidade em fanatismo. O surgimento de líderes carismáticos é uma consequência natural desse ambiente propício. Os acontecimentos resultantes, mascarados de religiosidade, transformam-se em sementes de revolta, mormente se aliados a outras causas.

— *A situação econômica*

Paradoxalmente, a evolução econômica de uma nação gera tensões. Crane Briton, estudando os principais movimentos revolucionários

ocorridos no século 17, afirma que as grandes revoluções "não nasceram em sociedades economicamente retrógradas; ao contrário, surgiram em países economicamente progressistas."

Durante o período de desenvolvimento não é fácil ao Governo conciliar as medidas econômicas destinadas a assegurar o progresso, com a satisfação das aspirações quase sempre imediatistas do povo, que dificilmente compreende as providências de longo alcance.

O desenvolvimento vem normalmente, ligado à inflação que, simultaneamente, favorece o enriquecimento rápido de alguns e o empobrecimento de muitos, criando um desnível potencialmente perigoso.

Segundo Trotsky, "a mera existência de privações não é suficiente para causar uma insurreição; se o fosse, as massas estariam sempre em revolta". Mas, indubitavelmente, é um dos fatores condicionantes, mormente quando atinge a classe média. Pode decorrer daí uma situação de desespero, e face a ela, qualquer solução parece boa.

— Povoamento e extensão territorial

O isolamento de núcleos populacionais, resultante da extensão territorial, combinado com a precariedade das comunicações, determinam, por certo, um ambiente propício às guerrilhas.

O povoamento, no Brasil, caracteriza-se pela dispersão e mobilidade. Além das grandes migrações internas, como se observa, ainda hoje, do Nordeste para São Paulo, existem, e não são menos graves, conforme observa Caio Prado Júnior, "os deslocamentos próximos, mas permanentes das populações rurais por ocasião da renovação dos contratos de trabalho, das colheitas, etc. Trata-se de verdadeiros movimentos de massa. Multidões de trabalhadores transferem-se de uma para outra fazenda, de uma para outra região, deixando para trás suas casas, suas culturas, suas atividades, para recomeçar tudo noutra lugar.

A falta de fixação à terra gera intranquilidade. O nomadismo e a inexistência do sentimento de propriedade criam um estado de espírito que predispõe o homem a encarar com benevolência e até mesmo com esperança, as incertezas de um movimento revoltoso.

CIRCUNSTANCIAS

Entendemos como fatores circunstanciais os resultantes de eventos que, baseados nas condições estruturais preexistentes, transformam potencialidades em revolta. Representam o estímulo indis-

pensável. São inúmeros, dependendo da conjuntura em determinado momento histórico. Os fatos seguintes representam alguns exemplos:

- A ocupação do território nacional por uma potência estrangeira.
- O surgimento de líderes que atuem como catalisadores.
- A difusão de uma ideologia que traduza anseios populares.
- Acontecimentos que provoquem uma situação de calamidade pública.

4. CONCLUSÃO

Considerando os fatores apontados, bem como as características do terreno, podemos afirmar que, excetuando talvez a Amazônia praticamente todo o território nacional apresenta condições favoráveis à eclosão de um movimento de guerrilhas.

Diante da evidência de nossa História, que mostra um quadro que, ainda hoje, em muitos pontos, não perdeu a atualidade, verificamos a necessidade de despertar a consciência popular para o grave problema desse tipo de luta.

Urge, para isso, que o povo seja cientificado dos métodos utilizados pelo Movimento Comunista Internacional para a consecução de seus objetivos espúrios.

Resultados de grande significado poderão ser obtidos se a religiosidade tradicional do brasileiro for bem conduzida, pois nada mais antagônico que o sentimento cristão e o comunismo materialista.

As medidas econômicas e sociais que o Governo Federal vem tomando, representam o alicerce indispensável para o êxito de uma campanha de esclarecimento do povo.

Constituem as Forças Armadas o sustentáculo da luta anticomunista. Conscientes de seu papel, devem elas buscar, a par de um constante aperfeiçoamento profissional, a consolidação e ampliação de seu indiscutível prestígio popular.

Sómente a união de todos os brasileiros, irmanados pelo ideal de uma pátria livre e poderosa, poderá deter o insidioso movimento comunista. A nossa História, repleta de exemplos heróicos, mais uma vez, nos aponta o caminho a seguir.

BIBLIOGRAFIA

- JAMES ELIOT GROSS — Luta de Guerrilhas.
- GABRIEL BONNET — Guerras Insurrecionais e Revolucionárias.
- CAIO PRADO JÚNIOR — Evolução Política do Brasil e outros estudos.
- NAPOLÉON VALERIANO e CHARLES BOHANNAN — Operaciones de Contra-guerrilla
- RÉGIS DEBRAY — Révolution dans la Révolution? (Lutte armée et lutte politique en Amérique Latine).
- BARÃO DE PORTO SEGURO — História das Lutas com os Holandeses no Brasil.
- J. CAPISTRANO DE ABREU — Capítulos de História Colonial.
- HELIO VIANNA — História do Brasil — Vol. I.
- HERMANN WATJEN — O Domínio Colonial Holandês no Brasil.
- ANTONIO DE SOUZA JÚNIOR — Do Recôncavo aos Guararapes.
- EUCLIDES DA CUNHA — Os Sertões.
- MACEDO SOARES — A Guerra de Canudos.
- GLAUCO CARNEIRO — História das Revoluções Brasileiras.
- MAURICIO VINHAS DE QUEIROZ — Messianismo e Conflito Social — (A guerra sertaneja do Contestado).
- HERCULANO TEIXEIRA D'ASSUMPÇÃO — A Campanha do Contestado.
- ECEME — Guerras Insurrecionais no Brasil.
- REVISTA MILITAR BRASILEIRA.
- MILITARY REVIEW.